



Esse é o espírito associativista: quando levantamos a mão para uma batalha, todos estavam juntos

guém tem a humildade de conversar com quem foi impactado. A discussão fica na política, mas falta alguém ir lá resolver. Acredito que a entidade, a associação, tem esse papel de criar formatos e escolas.

JC — O evento deste ano tem um elenco estrelado de palestrantes. Tem confirmados Dunga, Miguel Falabella, Rogério Flausino, Ricardo Amorim. Como isso pode agregar para o evento?

Longo — Isso mostra que o supermercadista, o pequeno varejo, para sair de casa e percorrer 500 km, precisa ser motivado. É mais uma coisa que motiva. É um aprendizado com o negócio, com palestras para o açougueiro, para o jovem. O supermercadista precisa viver tudo ao mesmo tempo.

JC — A popularização dos atacarejos tem afetado os supermercadistas do Estado?

Longo — Sim, é um formato novo. Às vezes, a realidade de um atacarejo, que é comprar mais volume por menores preços em locais distantes quando se tem renda, não se aplica aqui, porque não há renda, mas há necessidade de consumo. Então, é mais uma opção que se agrega, como já houve lojas de conveniência, lojas de bairro e lojas de atendimento. O setor de supermercados já representa 9% do PIB do Estado, é o segundo maior arrecadador de impostos para os governos e a segunda atividade que mais gera emprego, abrindo cerca de 5 mil novas vagas anualmente. O autosserviço proporciona a experiência de vantagens e de deixar o cliente escolher o que é melhor para ele.

JC — Redes bem tradicionais estão fechando e novas estão abrindo. O senhor considera isso uma coisa natural do mercado?

Longo — Acho que quando um ramo é forte, ele tem mais players e mais concorrentes. É uma atividade que atrai um maior número de empresas, pois está difundida no dia a dia dos consumidores. O Rio Grande do Sul e o gaúcho sem-

pre foram mais fechados no Estado, devido a uma situação tributária bem complexa e diferenciada do Brasil. Havia esse receio de ir para outro estado, com a preocupação na regionalização e no cliente local. Mas, agora, os daqui também foram para outros estados. Isso demonstra que é um ramo e um Estado com oportunidades e atrativos, e os governos precisam incentivar e fomentar isso.

JC — Estamos chegando ao fim do seu mandato. Quais foram os principais avanços e desafios que o senhor encontrou nesses anos liderando essa associação?

Longo — O bom é bom quando é bom para todo mundo. Foi bom para mim; eu cresci e me sinto realizado. Minhas filhas sempre me apoiaram, e minha esposa está feliz por ter vindo para o meu ramo. O maior sentimento de vitória é ver as famílias entenderem e transpirem o varejo. Venho de uma família de imigrantes que tiveram dificuldade, mas nunca tiveram medo do trabalho. Sinto-me realizado por ter sido importante para diversas pequenas e grandes empresas, sempre contando com o apoio de todos. Esse é o espírito associativista: quando levantamos a mão para uma batalha, todos estavam juntos. Isso me realiza muito, que não houve episódio em que, ao mobilizar o setor, não se teve apoio. Como exemplo, a mobilização contra a concorrência desleal de uma multinacional, que resultou no fechamento de supermercados naquele dia, ou situações como a sacola e a farmácia do Sesi, que eram concorrência desleal resolvida com conversa e negociação, resultando em vitórias. Acho estranho que alguns não consigam ligar para conversar e negociar. É um modelo muito ruim e um aprendizado negativo para as gerações.

JC — Fale um pouco sobre o processo de sucessão com a nova gestão.

Longo — Quando assumimos, criamos o Agas Jovem, o primeiro no Brasil, sabendo da dificuldade e complexidade do nosso setor. Sempre acreditei que seria uma grande escola para futuros líderes. Hoje, temos 380 jovens. A associação, sob o mesmo guarda-chuva, tem empresas com 20 mil funcionários e com dois funcionários, com estatuto e regras. O período foi longo, mas com um convívio perfeito. A partir de agora, é um aprendizado, mas tenho certeza de que os próximos presidentes serão todos do Agas Jovem. A estrutura está montada, e esse é o objetivo.

Quem é Antônio Cesa Longo



TÂNIA MEINERZ/JC

Além da liderança na Agas, Longo já recebeu diversas condecorações por sua atuação empresarial

Antonio Cesa Longo é neto de imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul e iniciaram suas atividades comerciais em Porto Alegre, em 1917.

Nasceu em Porto Alegre, no Hospital Beneficência Portuguesa, no dia 25 de julho de 1960. Sua formação acadêmica é de economista, tendo pós-graduação em Gestão Empresarial e Administração em Marketing. Desde 1982 trabalha na Companhia Apolo de Supermercados, com sede em Bento Gonçalves, tendo passado por diversas funções a fim de ter total conhecimento das diversas fases do autosserviço.

Foi vice-presidente do CIC (Centro da Indústria, Comércio e Serviços de Bento Gonçalves); presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Bento Gonçalves, exerceu cargos de direção na Fecogêneros e na Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do RS, ex-membro do Conselho de Administração do Hospital Tacchini de Bento Gonçalves, município onde participou também como fundador e dirigente em

cargos de Associações Automobilísticas, tendo participado da construção do kartódromo Aristides Bertuol de Bento Gonçalves e tendo participado de clubes de serviço como Lions e Rotary Club.

Também foi diretor da Fundaparque (entidade que administra o grande centro de eventos de Bento Gonçalves), e atualmente é diretor da Federasul. Exerce o cargo de diretor na Companhia Apolo de Supermercados, empresa que possui oito lojas de supermercados, localizadas em Bento Gonçalves e Garibaldi.

Tendo participado como diretor e depois como vice-presidente da Agas, em dezembro de 2002 assumiu o cargo de presidente da Associação Gaúcha de Supermercados, com um projeto de interiorização da entidade, através de atividades em diversas cidades gaúchas. Estas promoções, neste período de sua gestão, levaram à realização de eventos importantes em dezenas de municípios gaúchos, congregando os supermercadistas de uma forma participativa sob da

bandeira da Agas, que tem como foco o objetivo de unir pequenas e grandes empresas num só ideal. Sua gestão objetiva o pleno fortalecimento do setor do autosserviço, através de atividades que possibilitem a capacitação profissional através de cursos e palestras, o conhecimento de novas técnicas e, especialmente, a troca de experiência entre todos.

Em 2011, recebeu condecorações nas Câmaras Municipais de Porto Alegre e Bento Gonçalves, além de homenagem na Assembleia Legislativa. No mesmo ano, foi condecorado com o título de Cidadão Bento-Gonçalvense. Também em 2011, recebeu o Prêmio Líderes & Vencedores, conferido pela Assembleia Legislativa e pela Federasul na categoria Mérito Empresarial. Em 2014, foi condecorado com a Medalha Mérito Farroupilha, mais alta honraria concedida pela Assembleia Legislativa do RS.

Desde janeiro de 2009, ocupa o cargo de vice-presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras).